

artística da gravura o seu elemento maleficio, que provem — quem sabe? — em grande parte, d'aquillo que de venenoso existia nos seus materiaes. Assim, entre o *espirito* esthetico d'uma gravura de madeira e o de uma *agua-forte* subsiste a differença radical que separa as proprias *materias primas*; e essa differença se conhece, até na triste decrepitude da madeira e do cobre: para uma, o *carunchinho*; mas para o outro — ai d'elle! — o *azebre*.

*

Como explicar a voga, neste tempo essencialmente metallico que vivemos, d'uma arte assim humilde, quasi silvestre, profundamente christã? E nem haja o receio de se confundir o *processo* com a arte, isto é, com o *estyllo*. Neste caso, um quasi se substitue ao outro. E o que é certo é que, mesmo forçada nas suas possibilidades de expressão, e desfigurada no seu *character* de rusticidade primitiva, a arte da gravura em madeira, só por virtude e effeito da sua *technica* especial, reage contra todos os ineptos ultrages com que modernamente a pretendem attingir, desviando-a da sua verdadeira finalidade. Em muitas das innumeras gravuras, que hoje se *commettem* em França, observa-se este successo portentoso: *assumptos*, os mais rasteiros ou licenciosos, assumirem, pela acção exclusiva do *processo*, aspectos lyricos, e, senão religiosos, libertos, pelo menos, de toda a intenção peccaminosa. Não será este, de resto, o mesmo milagre de arte e de castidade que se dá com o *estyllo* ornamental das cathedraes gothicas, consentindo, em sua textura e composição, figuras monstruosamente lubricas e scenas obscenas, sem que por isso em nada seja diminuida a altura da sua expressão religiosa? O que no primeiro caso é devido á pureza do proprio *processo*, não será, precisamente, o que, no segundo, se deve ao poder de *estylização*?

Comtudo, muito seria para desejar que a gravura em madeira, sendo, de facto, uma arte exilada no nosso tempo, apenas a cultivassem artistas raros, cuja inspiração egualmente fosse excepcional e de exilio. Para esses, só, ella seria como que a linguagem propria e nativa.

Eu não sei, mas presumo que assim deveria ter sido bem facil e natural a

Mily Possoz dedicar-se a gravar em madeira. Em verdade, que outro meio de expressão mais propicio á sua arte, ao mesmo tempo, simples e singular? Na sua pintura, em que se sente alguma coisa de muito infantil e primitivo, como que havia já a promessa ou a previsão d'estas admiraveis gravuras, absolutamente sem par, entre nós. Ella trouxe para a nova modalidade do seu engenho, com o seu *modernismo*, todo pessoal, a mesma concepção ingenua e graciosa do mundo visível, a mesma claridade de visão, simultaneamente expressa em traço e em côr, que já conheciamos dos seus quadros e dos seus desenhos.

Sómente, é esta a saborosa linguagem que melhor serve á sua *verdade* sonhada; este o logar, onde mais á vontade cabe a sua *mystica* pueril de creança. Dir-se-hia que o *espirito* que atraz tentei definir como sendo o da gravura em madeira, era já, assim, o proprio genio de toda a arte de Mily Possoz. E se certos dos seus desenhos, pela sua grande pureza, ficarão, sem duvida, como desenhos classicos do nosso tempo; algumas d'estas gravuras, como, por exemplo, o adoravel *trecho* de Cintra, que aqui se reproduz, cheio de claridade e de côr — são, em tudo e por tudo, gravuras de madeira completas e modelares.

A sua arte moça de gravador, lavada de *patines*, purificada de bolôres, dá-nos das estampas antigas isto que é precioso e quasi unico: uma lembrança sem saudade.

EX-LIBRIS. POR CARDOSO MARTHA

Uma das monomanias do seculo é a das collecções.

Que coisa não é susceptivel de colleccionar-se? Nada ha que o não seja, por mais extravagante que pareça — desde as moedas e livros raros, desde os quadros de mestre e o fragil e precioso *bibelot*, até os cachimbos e os botões multiformes, as pennas de escrever e as caixas de phosphoros, os ovos de passaro e as cintas auri-rubras dos cha-



Ex-libris de Luiz José de Vasconcellos

rutos. A rainha Margarida da Italia colligia artigos de sapataria usados pelos collegas e com igual prazer recebia as sandalias d'um *reque* da Arabia e os extravagantes sapatos dum Filho-do-Ceu. Recordo-me ainda de haver lido ha tempo que um ratão, não sei se inglez, mas decerto muito original, se desfadava ajuntando uma estrambotica collecção... de pontas de cigarros e charutos, cuspidos dos labios de personagens celebres. E citavam-se nomes de notabilidades que já nella figuravam e os preços por que haviam sido adquiridos. Emfim, o *coleccionismo* é hoje uma authentica vesania contagiosa, a que raros logram eximir-se.

Ha, como se vê, collecções u'eis e collecções de bagatelas sem nenhum valor. Todas teem em Portugal os seus apaixonados, alguns até ao delírio, capazes de jejuar trez dias a pão e agua só para coalharem uns escudos que lhes tragam a posse do objecto appetecido. Entre as primeiras, é das mais proveitosas sob o ponto de vista documental e das mais artisticamente notáveis a dos *ex-libris*.

*

Mau grado a diffusão que hoje-em-dia vai tendo entre nós, ainda esta expressão — *ex-libris* — fará arrugar o sobrôlho a mais de trez quartos dos lusíadas que tiverem a pachorra de me ler. O termo nada tem de exquisito: são duas palavras latinas que significam — *dos livros*, ou melhor, *pertence aos livros*.

Quanto ao objecto que tal termo traduz, defini-lo-hei — «a marca ou signal de posse d'um livro». O *ex-libris*, ou mais portuguezmente, o *pertence*, é um ramo subsidiario da sciencia do livro, e um não menos importante districto da arte applicada.

Muita gente simplifica cingindo-se a manuscreever o seu nome no rosto ou anterosto dos volumes. Antigamente essa declaração de propriedade se reduzia á rubrica do dono, quer só, quer acompanhando datas, versos, preços de compra e, mais raramente, divisas. Quem ha ahi que,

folheando os compendios da petizada das escholae, não tenha por lá topado com frequencia versos da ingenuidade d'estes:

Livro meu muito amado,
Thesouro do meu saber,
Folgarei de te encontrar
Se alguma vez te perder...

ou então

.....
Se algum dia te perder
E não te tornar a achar
E alguém te fôr encontrar
Ao inferno irá parar
Se te não fôr entregar
a F....

Com o andar do tempo, porém, foi-se adoptando o uso de imprimir nas pastas da encadernação um brasão de armas, desenho de phantasia, iniciaes ou simples legenda com o nome do possuidor. Encontram-se exemplares admiráveis nas sumptuosas encadernações dos seculos 16.º, 17.º e 18.º, cujas pastas e lombos, pela solidez do material, profusão dos oiros e artistico dos ferros, são indisputáveis primores no genero. *Ex libris* impressos em pequenos quadrados de papel, também se collavam nas mesmas pastas, interior e, mais raro, exteriormente.

Quando começou a espalhar-se o uso do *pertence* collado? Não está ainda bem liquido. Pela sua origem, talvez nos seja licito adscrever-l-o á Allemanha quatrocentista. Hoje, porém, o costume de empregar essas vinhetas está generalizado e só Portugal, onde o culto do livro tem uma minoria de sacerdotes, é dos raros paizes onde esse costume não é geral.

O mais antigo *ex-libris* portuguez conhecido é o de Luiz de Vasconcellos e Azevedo (começos do seculo 17.º), gravado — e por ventura desenhado — por Clemente Bilingue.

Tem o *ex-libris* a vantagem de nos indicar qual o gosto litterario do bibliophilo que o usa; elucida-nos sobre o criterio que presidiu á escolha dos seus companheiros espirituaes; serve de subsidio ao investigador, ao heraldista e ao historiador; incita ao amor pelos livros; e muito especialmente representa na arte contemporanea um ramo digno de attenção e de estudo. Como eram outr'ora admiradas e tidas em grande conta as figurinhas de Tanagra, ondulosas e gráceis, ou as peças de ceramica e pedras gravadas, obras primas do genio hellenico, assim agora as marcas bibliographicas são apre-

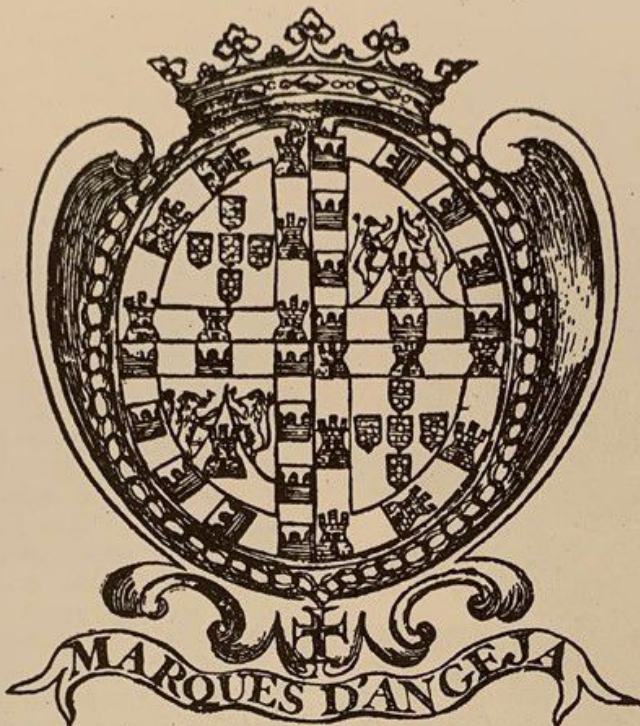
ciadas e cuidadosamente seriadas, porque representam por igual uma pequenina obra de arte.

Os primeiros artistas do lapis e do buril deixaram seus nomes a subscrever algumas destas exiguas composições. Um dos mais famosos *pertences* da série portugueza, tão notavel pela pureza da gravura como pela simplicidade e encanto do desenho, é devido ao lapis genial de Sequeira, interpretado por outro grande artista — o gravador Bartolozzi.

Infelizmente, nos *ex-libris* portuguezes antigos, nem sempre é facil, e quasi sempre impossivel, apurar quem fôsse o desenhador. Ignoram-se os da maior parte dos *ex-libris* anteriores ao século 19.º. A que punho magistral de-

vemos adscrever os do Conde de Oeiras, Aragão Trigoso, D. Theresa de Mello Breyner, Casa da Annunciada, D. Francisco de Almeida, Condes da Feira, de Obidos e de S. Vicente e outros muitos anonymos, tão notaveis pela pureza do desenho e correcção da gravura?

Por seu lado a heraldica, sciencia subsidiaria da genealogia, historia e archeologia, tem no *ex-libris* representação vastissima, sendo até um brasão armoriado, em grande numero de casos, o seu unico assumpto. Vêem a par uma fauna e uma flora simbólicas estylisadas, os motos, lemmas e sentenças moraes, cavalleirescas e de nobreza, allegorias, debuxos de phantasia e até versos e trechos de escriptores e de poetas celebrados. Alguns figuram um grande vulto historico ou patriotico e até o próprio bibliophilo; n'outros levanta-se magestoso e arrogante, com suas torres creneladas e pontes levadiças, o velho solar fortificado ou a mansão senhorial dos antepassados; n'outros ainda, assumpto mais consentaneo



Ex-libris do Marquez de Angeja



Ex-libris de D. Thereza de Mello Breyner

com a natureza do *pertence*, enfilam-se diante dos olhos do observador as estantes apoiadas duma bibliotheca.

Depois, o campo é largo, de horizontes amplos, e presta-se ás mais atrevidas interpretações do talento pinturesco. N'este ponto, no *ex-libris* moderno, quanta variedade! E' a arte-nova, com os seus delineados exóticos; o impressionismo, de interpretações ousadas; os primitivos, documentando inconscientemente nos seus processos ingenuos um caso de atavismo na arte; e até as novas escolas secessionista e futurista trouxeram já ao *ex-libris* as suas concepções avançadas e rebeldes, os seus combates e as suas esperanças nebulosas e sonhos desorientados. E' toda uma felicíssima e creadora revolução artistica, com seu lugar imprescindivelmente marcado na chronica do engenho humano.

O estímulo da rivalidade e do interesse pessoal impellem a mão do artista a maravilhas. Muitos bibliophilos cometem o desenho do seu *pertence* a varios individuos,

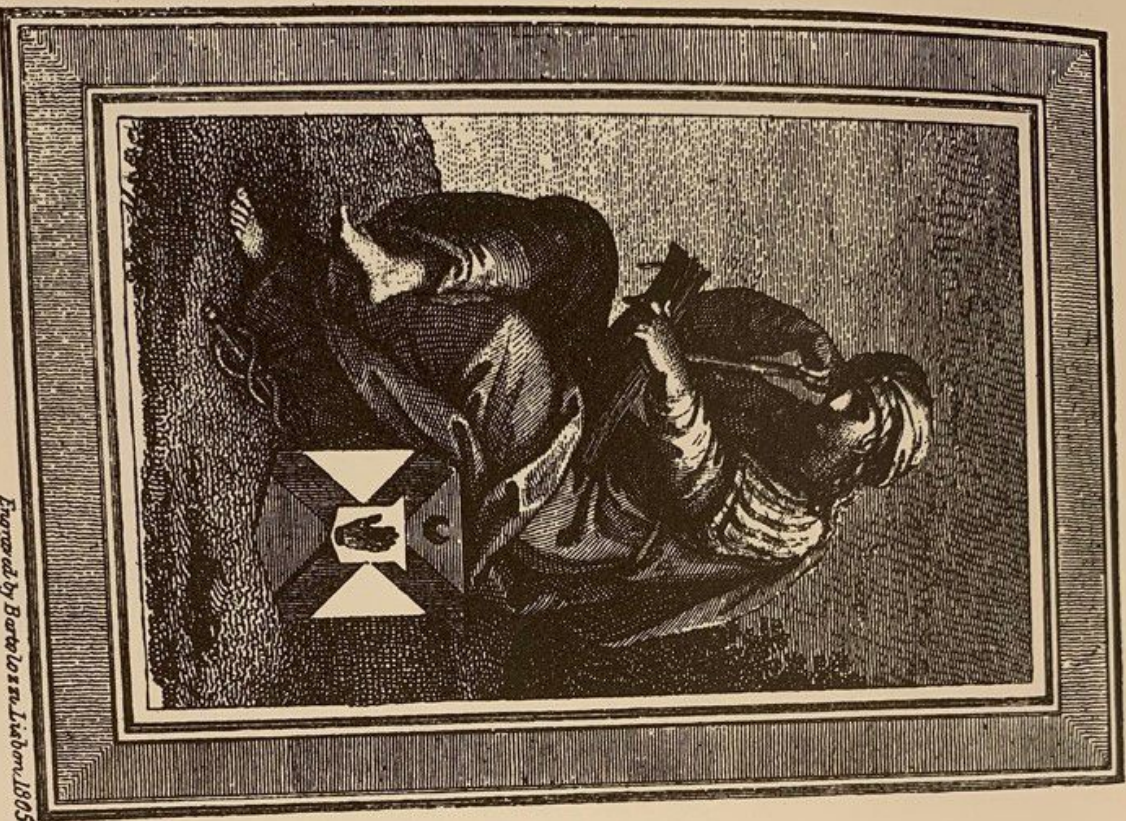
cada qual esforçando se por superar, na medida do seu possível, o trabalho dos collegas. E' então um verdadeiro duello, mas duello pacifico e fructuoso, onde só a phantasia floreia uma arma inoffensiva — um lapis ou uma pena. Na Alemanha, por ex., o conde de Leiningen-Westerburg collava nos seus livros vinte ou trinta *pertences* de diversos auctores; em Portugal segue-lhe as pizadas, posto que mais modestamente, o visconde de Faria, que tem oito ou dez.

As collecções especiaes da obra de poetas e prosadores celebres, teem ás vezes as suas marcas de posse privativas. Assim, por exemplo, em Portugal para Luiz de Camões e Garrett, em Hespanha para Cervantes, em França para Racine, Moliere e Hugo, em Inglaterra para Shakespeare e Byron, em Italia para Dante e Petrarca, os amadores mandaram executar bellissimas estampas, com motivos quasi sempre descollados da obra ou da vida do escriptor.

Tambem em materia da *ex-libris* ha especialistas: uns dedicam-se a debuxar *ex-libris* de medicos e homens de sciencia, outros de poetas, e de artistas plasticos; ha-os em caricatura, cheios de humorismo individual ou impessoal; ha-os historicos, heraldicos, astronomicos, geographicos, zoologicos e botanicos... E assim, constam dos albuns dos grandes collectores de *ex-libris* series notaveis de cada uma destas especialidades.



Ex-libris de J. F. da Cruz Alagoa



Drawn by Sumatra

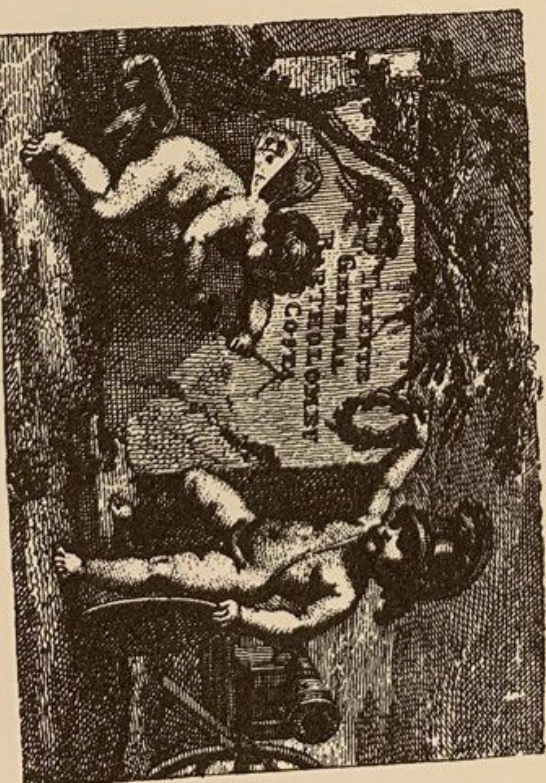
Engraved by Bartolozzi, Lisbon, 1805

Sir Thomas Gage Bartolozzi del. J. M. S. del.

*Ex-libris de Sir Thomas Gage
Grav. Bartolozzi*



Ex-libris do Conde de Oeiras



Ex-libris do Tenente-general Bartholomeu da Costa

P. Bartolozzi del. R. A. del. 1805.